

País reinicia negociações com o FMI

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON — A alta volatilidade da economia brasileira nas últimas semanas introduziu um pesado ponto de interrogação na negociação de um programa de estabilização econômica com o Fundo Monetário Internacional. Os entendimentos foram iniciados ontem, com a discussão da agenda das negociações, na sede do FMI, em Washington, por equipe formada pelos secretários de Política Econômica, Roberto Macedo, de Planejamento, Pedro Parente, e da Fazenda, Luis Fernando Wellisch. Devem durar até sexta-feira, mas, segundo fonte do Fundo, podem se prolongar até a semana que vem.

Riscos — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, está confiante em que o acordo sairá e tem boas razões para isso. Ainda que aos solavancos, ele e sua equipe fizeram o que prometeram ao FMI e aos credores, durante a reunião anual do Fundo e do Banco Mundial, em Bangcoc, há três semanas. O programa de privatização foi finalmente deslanchado e o Executivo mandou ao Congresso projeto de lei de reforma tributária.

A ameaça de crise cambial, na semana passada, e a percepção de que a inflação está novamente fora do controle anularam em parte os efeitos positivos que essas medidas poderiam ter provocado e reforçaram, entre credores externos, as dúvidas sobre a longevidade da atual equipe eco-

nômica. A queda do nível das reservas para o limite de segurança fixado pela Constituição, com possibilidade de o Brasil vir a interromper novamente os pagamentos externos, é vista com grande preocupação, pois destruiria os progressos feitos nos últimos meses com os bancos credores.

“O Fundo está numa posição muito difícil”, ponderou uma fonte oficial norte-americana que acompanha as negociações. “Uma decisão da administração do Fundo de apoiar o programa brasileiro terá de ser subjetiva”, disse. Objetivamente, a única certeza possível, no momento, é que uma negativa da Fundo de apoiar o programa brasileiro seria fatal para Marcílio e ajudaria a precipitar a situação que se quer evitar. Daí a impressão de que o FMI acatará esse programa.

Apoio — Mas como dar seu aval ao País no momento em que a inflação volta a disparar e arrisca a comer, entre outras coisas, os próprios ganhos de receita buscados pela reforma fiscal? Nos meios oficiais e entre bancos credores, a aposta é que, salvo novos sobressaltos, o FMI fará o máximo que puder para apoiar o governo brasileiro sem comprometer a credibilidade da instituição. Isso significa que o diretor-gerente da instituição provavelmente acolherá a carta de intenção do governo e, como se costuma dizer, “fechará o acordo” com o Brasil. A partir daí, porém, Camdessus aguardará pela aprovação da reforma tributária no Congresso.